

Tropas de choque da PM impedem que índios com arcos e bordunas entrem no prédio da Funai, em Brasília

RAONI LEVA GUERREIROS PARA A SELVA

Índios não aceitam mais agentes federais no Xingu

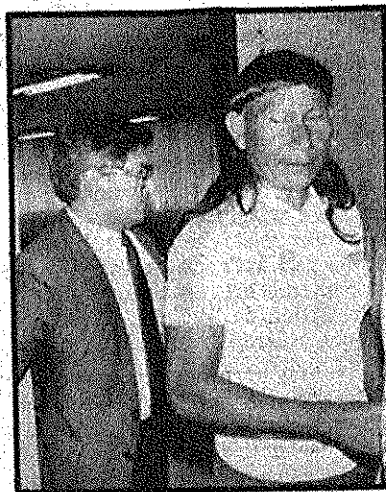
CUIABÁ — Os txucarramães, do Parque do Xingu, não querem mais os agentes federais em suas terras. Uma rádio de Goiânia noticiou — e os índios ouviram — que os agentes estavam preparando uma operação para resgatar a balsa seqüestrada, o que aumentou o clima de tensão.

A Superintendência da Polícia Federal no Mato Grosso informou que dois dos quatro agentes já deixaram a área, pois o Cacique Raoni mandou comprar toda a munição disponível em São José do Xingu e embrenhou-se na selva com 50 guerreiros, sendo imprevisível sua próxima reação.

O Secretário de Segurança, Oscar Travessos, disse ter informações de que mais de 20 caciques, com um grupo de 200 guerreiros, estavam subindo para a área do conflito. Ele voltou a criticar a passividade do Presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, e não acredita que o sertanista Sidney Possuelo, indicado como emissário da Funai, encontre facilidades para contatos com os índios.

— Se eu não tiver o que negociar, os índios vão me receber muito mal — afirmou Possuelo, em Brasília, que ontem ainda esperava ordens do Presidente da Funai para viajar à aldeia do Krotire.

Ferreira Lima não teve ontem qualquer contato com a imprensa e, à tarde, sua assessoria informou que ele havia ido a Goiânia, para uma reunião com os fazendeiros da área



Índio sai de audiência com Inocencio Mártires

reivindicada pelos índios, a fim de ver se acertava uma proposta concreta a ser negociada. Possuelo considera justa a reivindicação dos índios.

CERCO

Temerosa de uma invasão dos 300 índios que participam, na Câmara dos Deputados, do II Encontro Nacional de Povos Indígenas, a Funai pediu ontem a proteção da Polícia, que cercou o prédio. O Deputado Mário Juruna (PDT-RJ) foi à Funai com uma delegação e pediu que o cerco fosse levantado, mas não obteve êxito.

No encontro, o Cacique Aniceto, da tribo Xavante, propôs uma vigília em frente ao Palácio do Planalto até que o Governo dê uma resposta às principais reivindicações dos índios:

que o índio continue como "relativamente incapaz" no Código Civil, o fim do decreto que permite a entrada de empresas de mineração nas reservas e a revogação do decreto que tira da Funai a exclusividade de propor a demarcação de reservas.

Um grupo de 50 índios foi com Juruna à Procuradoria Geral da República e conversou com o Procurador Inocencio Mártires Coelho. Queriam que o Procurador-Geral arguisse a inconstitucionalidade do decreto sobre demarcação de terras indígenas e saíram da conversa satisfeitos.

— Vocês não pediram a audiência em vão, pois vieram para ser tratados seriamente e serão tratados — seriamente pelo Governo federal — disse-lhes Inocencio.

A tarde, na sessão da Câmara, aplaudido das galerias por cerca de 150 índios, o Deputado Mário Juruna atacou principalmente o decreto de emancipação e a licença para mineração em terra indígena.

— Índio tem que continuar como índio... ao tem que ter emancipação — disse Juruna, apartado por parlamentares de todos os partidos. — Índio não é minério, índio não é pedra, índio não é cal. Índio é ser humano — afirmou o Deputado, que atacou o Ministro Mario Andreazza e acabou seu discurso com a defesa das eleições diretas.

Em São Paulo, em conferência no Centro de Lazer do Sesc, o sertanista Orlando Villas Boas, que pacificou os Txucarramães em 1953, afirmou que "os índios estão cheios de razão" e que os 15 quilômetros que reivindicam "devem ser reservados, insofismavelmente, para a tribo".

Antropólogo teme chacina

O Presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Gilberto Velho, disse ontem que considera muito provável um conflito armado no Parque do Xingu, se o Governo não negociar com as lideranças indígenas. Afirmou não acreditar na informação do Comandante da Polícia Militar de Mato Grosso, de que os txucarramães teriam comprado Cr\$ 9,8 milhões em munição, acrescentando que se houver um enfrentamento, será uma chacina, pois são "pouquíssimos" índios e eles usam como armas apenas espingardas e bordunas.

Na opinião de Gilberto Velho, a primeira medida do Governo deveria ser a demissão do Presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, que, pela "intolerância, inflexibilidade, falta de competência, de tato e de conhecimento



Gilberto Velho: 'O problema da demarcação de terras está se transformando em barril de pólvora'

das culturas indígenas" permitiu que a situação chegasse ao estágio atual.

— O problema não é só no Xingu. Lá está repercutindo mais. Amanhã pode estourar no Sul do Mato Grosso, na Bahia, no Rio Grande do Sul, em

toda a Amazônia. É um barril de pólvora. É um problema muito sério e a demarcação das terras deve ser efetivada o quanto antes.

Irritado com o que classificou de "falta de cortesia" do Presidente da Funai, por não ter compare-

cido ao encontro marcado com as lideranças indígenas em Brasília — "são líderes de nações, com língua e cultura própria" — o Presidente da ABA lembrou que o índio brasileiro não é um vietcong:

— Em qualquer conflito armado eles seriam trucidados. Mais uma vergonha para o Brasil. Qualquer pelotão da Polícia Militar com fuzis automáticos os liquidariam. Eles não são como os vietcongs: são bravos, corajosos e competentes em seu meio ambiente. Mas bordunas contra fuzis, nem pensar — disse Gilberto Velho.

Depois de afirmar que "os índios não são bobos e não podem ser enganados assim", o antropólogo disse ter certeza de que os reféns não serão molestados, pois as tribos do Xingu querem apenas atrair atenção para o seu problema.